

## HISTÓRIA SOCIAL DA COMUNIDADE DO PAURÁ: um olhar a partir das memórias de José Martins, Maria Estelita e Maria Raimunda<sup>1</sup>

Ednel Caldeira Pimentel<sup>2</sup>

João Marinho da Rocha<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda aspectos da História Social da Comunidade do Paurá, a partir das memórias de José Martins Pimentel, Maria Estelita Caldeira Pimentel e Maria Raimunda Neves Serrão, no Município de Urucará - Baixo Amazonas - que têm suas trajetórias de vidas associadas aos processos de formação e institucionalização dessa comunidade, por volta da década de 1970. Ancorada no campo da História Social (ALBERTI, 2014; BARROS, 2005; CASTRO, 1997) e na metodologia da História Oral (MEYHI, 2005; NEVES, 1998; POLLAK, 1992), aponta uma perspectiva sobre a comunidade do Paurá, e ilumina para temas relevantes para a história do tempo presente, tais como as influências da Igreja Católica nos processos que se convencionou chamar “fundação” de comunidades e que nesta pesquisa tratamos como “institucionalização”.

**Palavras-Chave:** Memória; História Oral; Trajetórias; Comunidades rurais.

### INTRODUÇÃO

O estudo da história regional, no contexto amazônico, revela as diferenças que definem a formação e institucionalização recente de comunidades rurais. O foco deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) recai sobre a Comunidade do Paurá, localizada no município de Urucará, na região do Baixo Amazonas, durante a década de 1970.

O objetivo central é identificar os elementos que constituíram a Comunidade do Paurá, destacando os processos e as conexões temáticas de sua formação, os sujeitos históricos que contribuíram para esses processos e a influência da religião, com um olhar particular sobre a atuação do missionário italiano, padre Augusto Gianola, do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME) da Igreja Católica, no Brasil.

A atuação da Igreja, através dos missionários, foi um fator de transformação, atuando, não apenas no campo da evangelização, mas também na saúde, na educação e no fortalecimento comunitário; além de influenciar nas alterações e na

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso TCC, realizado para obtenção do título de graduação em História na Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP, 2024.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura Plena em História, Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP/UEA). E-mail: [ecp.his19@uea.edu.br](mailto:ecp.his19@uea.edu.br)

<sup>3</sup> Professor Adjunto no curso de História da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP. Grupo de Estudos Históricos do Amazonas-GEHA; Núcleo de Estudos Afro-brasileiros-NEAB/UEA. E-mail: [jmdrocha@uea.edu.br](mailto:jmdrocha@uea.edu.br)/[jmrocha.hist@hotmail.com](mailto:jmrocha.hist@hotmail.com)

manutenção de práticas religiosas e culturais da comunidade. (CAVALCANTE, 2019).

Esta pesquisa se propõe a mergulhar nas histórias de vida dos moradores da Comunidade do Paurá, que vivenciaram esse processo no contexto dessa década, buscando entender como as experiências individuais e coletivas se conectaram para formar a memória e a identidade da comunidade. Através de uma metodologia qualitativa, que inclui a análise de documentos históricos e entrevistas a partir da metodologia da História Oral, esta pesquisa busca contribuir para o campo da história regional, oferecendo um olhar abrangente sobre a formação de identidade desta comunidade rural amazônica.

As palavras-chave que orientam a produção deste estudo - “Memória”; “História Oral”; “Trajetórias”; “Comunidades rurais” – mostram a complexidade e a interdisciplinaridade necessárias para abordar o tema proposto. Este trabalho não visa apenas a documentar um capítulo importante da história desta comunidade rural, mas também a analisar as práticas de sustentabilidade e as estratégias de resiliência adotadas, frente aos desafios impostos por transformações sociais e ambientais.

Ao recontar a História Social da Comunidade do Paurá: um olhar a partir das memórias de José Martins, Maria Estelita e Maria Raimunda, este Trabalho de Conclusão de Curso pretende contribuir para a valorização da cultura, da história e da identidade das Comunidades Rurais do Amazonas, fornecendo informações para compreender as dinâmicas de mudança que caracterizam estas populações rurais, frente aos desafios contemporâneos.

**1. MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA:** possibilidades na escrita da História do Paurá

### **1.1 Sobre o campo da História Social**

A pesquisa que dá suporte a este artigo está ancorada no campo da História Social (ALBERTI, 2014; BARROS, 2005; CASTRO, 1997), uma abordagem historiográfica que foca na análise das relações sociais, estruturas e dinâmicas para compreender o passado. Ao contrário das narrativas convencionais que (por vezes) ainda se concentram em eventos políticos e figuras “importantes”, a História Social busca explorar as experiências do “dia a dia” das diversas camadas sociais, proporcionando uma reconstrução mais inclusiva da história. Em *História Social*, Hebe Castro destaca:

A História Social em sentido restrito surgiria, assim, como abordagem que buscava formular problemas históricos específicos quanto ao comportamento e as relações entre diversos grupos sociais. Formulava, para tanto, primeiramente, problemas relativos à explicitação dos critérios usados pelo historiador na delimitação desses grupos (CASTRO, 1997, p. 82).

Portanto, esse campo da História é essencial para entender as sociedades ao longo do tempo. A análise das classes sociais se destaca como um dos alicerces da História Social. Ao estudar as relações sociais, os historiadores buscam compreender as desigualdades entre grupos de poder, riqueza e acesso a recursos em contraste aos menos favorecidos. Oferece uma visão crítica das dinâmicas sociais “de baixo”, como destaca Verena Alberti em seu texto *"Histórias dentro da História"*:

Por trás desse movimento, estava a crença de que era possível reconciliar o saber com o povo e se voltar para a História dos humildes, dos primitivos, dos “sem História” (em oposição da civilização e do progresso que, na verdade, acabava sendo a História das elites e dos vencedores) (ALBERTI, 2014, p. 158).

A História Social usa diversas metodologias e fontes para reconstruir o passado. Além dos documentos oficiais, os historiadores analisam registros pessoais e comunitários, aprofundando a compreensão das experiências individuais e coletivas. Para José D’Assunção Barros, em seu texto *“A História Social: seus significados e seus caminhos”*, nos alerta para o fato que,

[...] entre inúmeras modalidades e especialidades nas quais se reparte a disciplina de História nos dias de hoje, talvez a dimensão historiográfica mais sujeita a oscilação de significados seja a da *História Social*. Modalidade historiográfica rica de interdisciplinaridade com todas as Ciências Sociais, e igualmente rica na sua possibilidade de objetos de estudo, a História Social abre-se de fato a variadas possibilidades de definição e delimitação que certamente interferem nos vários trabalhos produzidos pelos historiadores que atuam neste campo interdisciplinar. (BARROS, 2005, p. 2).

A interdisciplinaridade é marcante no campo da História Social, integrando métodos da sociologia, antropologia e outras áreas das ciências humanas para uma análise mais ampla e contextualizada.

Os movimentos sociais surgem como agentes transformadores na História Social. Ao analisar a mobilização popular, resistência e lutas por direitos, os historiadores destacam o papel das comunidades na promoção de mudanças relevantes. Esses movimentos revelam as estruturas sociais e a capacidade das pessoas “comuns” de desafiar e reformular essas estruturas, como ressalta Verena Alberti,

[...] o estudo de padrões de socialização e de trajetórias de indivíduos e grupos pertencentes a diferentes camadas sociais, gerações, sexo, profissões, religiões etc.; Histórias de comunidades, como de bairro, as de imigrantes, as camponesas etc., podendo inclusive auxiliar na investigação de genealogia; História de instituições, tanto pública como privadas; registro de tradições culturais, aí incluídas as tradições orais e História de memória (ALBERTI, 2014, p. 166).

Hoje, diante de desafios sociais complexos, a História Social continua sendo fundamental para entender nosso tempo. Os historiadores ajudam a identificar mudanças nas estruturas sociais, trazendo debates relevantes sobre os problemas atuais. Contudo, essa abordagem enfrenta desafios como, representar grupos desfavorecidos e equilibrar a análise das estruturas sociais com as experiências individuais, apresentando a dinâmica e complexidade das relações humanas. Como Barros destaca:

Se investirmos na ideia de que a História Social é uma subespecialidade entre as outras (o que parece ter sido a proposta da Escola dos Annales nos seus primórdios ao induzir esta categoria no título de sua revista), veremos que começam a se destacar certos objetos mais evidentes: os modos e mecanismos de organização social, as classes sociais e outros tipos de agrupamentos, as relações sociais (entre estes grupos e entre os indivíduos no seu interior), e por fim os processos de transformação da sociedade (BARROS, 2005, p. 12).

Dentre os principais elementos estudados pela História Social estão os modos de organização social, as relações entre grupos e indivíduos e os processos de mudanças sociais. Esses aspectos ajudam a entender melhor como as dinâmicas sociais se transformam na temporalidade, destacando a importância dessa abordagem para compreender as estruturas e relações humanas.

Essa visão é importantíssima para dar vida a histórias de comunidades como o Paurá, indo além dos grandes eventos e destaca o cotidiano das pessoas comuns, suas lutas, sonhos e conquistas. A História Social permite ouvir as vozes silenciadas pelas narrativas tradicionais. No caso do Paurá, essa abordagem mostra como as memórias e histórias de moradores como José Martins, Maria Estelita e Maria Raimunda formaram sua identidade e fortaleceram sua resistência ao longo do tempo.

## 1.2 Sobre memória

A Memória é um sistema dinâmico que abrange processos complexos, desde a codificação à recuperação de informações. Ao usar memórias orais nas pesquisas, é essencial considerar sua multifuncionalidade e seu papel na construção da

experiência humana, como descreve Margarida de Souza Neves, em seu texto “*História e Memória: os jogos da memória*”:

[...] na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque memória se entrecruza a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o individual e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registros e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação (NEVES, 1998, p. 218).

Por esses entendimentos, a memória, na metodologia da história oral, não é apenas uma recordação individual, mas também uma construção social e coletiva. Ao mergulharmos nas narrativas transmitidas oralmente, vemos que as lembranças compartilhadas não se limitam a experiências pessoais, mas se conectam com as diversas relações sociais. A memória coletiva é moldada pelas interações entre os membros de uma comunidade, refletindo a maneira como determinados eventos são interpretados e transmitidos ao passar do tempo.

Nesse contexto, a história oral se mostra como uma ferramenta poderosa para entender o passado individual, mas também as variações sociais na construção coletiva da memória. Michael Pollak em, *Memória e Identidade Social*, destaca:

*A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis (POLLAK, 1992, p. 201).

Dessa forma, a memória surge como uma ferramenta essencial para a compreensão das dinâmicas sociais e identidades, oferecendo uma visão rica do passado recente, como a formação e institucionalização de comunidades amazônicas na segunda metade do século XX. Sem memória haveria história? A fonte que abastece os afluentes e enchem os rios da história, nas relações sociais, sejam elas individuais ou coletivas, só parecem possíveis através da memória.

A memória, portanto, é um fenômeno complexo que vai além da recordação individual, tendo um caráter coletivo construindo a história socialmente. As narrativas dos sujeitos refletem as interações sociais que transformam essas memórias ao longo do tempo e do espaço. Por isso a memória é tão significativa para a vida social de comunidades, como o Paurá, na reconstrução do passado.

### 1.3 Da história oral

As narrativas orais mostram não só os eventos históricos, mas também as interpretações e significados que os narradores atribuem a eles. Essas histórias, muitas vezes passadas de geração a geração, são moldadas pelas interações sociais, valores culturais e mudanças ao longo do tempo e dos espaços experienciados. Assim, a metodologia da história oral oferece uma perspectiva rica, permitindo compreender como as pessoas interpretaram e deram sentido a esses eventos. Nesse sentido, Pollak diz:

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada (POLLAK, 1992, p. 204).

Conduzir entrevistas de história oral exige um papel delicado do pesquisador. A forma como as perguntas são feitas, o ambiente em que a entrevista ocorre e a relação entre entrevistador e entrevistado influenciam diretamente as histórias que são contadas. O desafio está em equilibrar a objetividade histórica com a sensibilidade necessária para captar a subjetividade das experiências pessoais. Nesse processo, a memória é construída de forma dinâmica, mostrando o caráter contextual das narrativas orais. Como destaca José Carlos Sebe Bom Meihy, em *Manual de História Oral*:

Todo projeto de história oral precisa ter no mínimo um “diretor” ou “coordenador”, que pode ser também o/um executante do processo. É comum haver projetos de maior alcance que demandam mais de um entrevistador, além de transcritor e revisor. Boa parte dos projetos é feita por uma só pessoa, que assume a responsabilidade de todas as tarefas. É primordial que se pense no destino das gravações, que devem ser mantidas e disponibilizadas para o consumo social. Os entrevistados são as pessoas ouvidas em um projeto e devem ser reconhecidos como colaboradores. As escolhas e também todos os procedimentos de contato e de condução das entrevistas devem ser feitos de acordo com o projeto (MEIHY, 2017; p.18-19).

Com o avanço da tecnologia, a preservação da memória oral tornou-se mais acessível e eficiente. Gravações de áudio, vídeos e arquivos digitais possibilitam a documentação e disseminação das histórias de uma forma antes inimaginável. Ainda nesse contexto, Meihy relata que:

Comumente se faz entrevistas individuais, realizadas com gravadores ou câmeras portáteis, de preferência com microfones embutidos, a fim de tornar menos ostensivo o ato da gravação. Há pessoas que combinam entrevistas com sessões de fotos, que, contudo, devem se dar em momentos acertados entre as partes (MEIHY, 2017; p. 19).

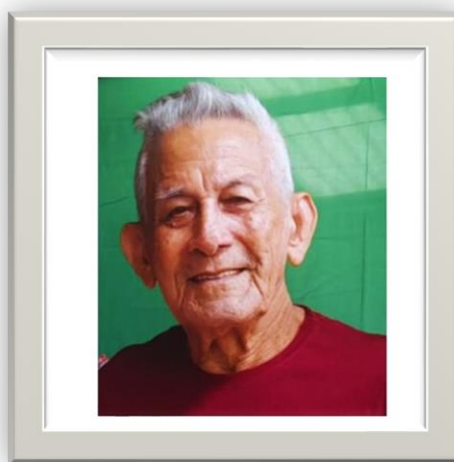
Segundo o mesmo autor, é essencial considerar as questões éticas no uso de tecnologias na História Oral, garantindo o respeito à privacidade e a autenticidade das narrativas. Quando usada com sensibilidade, a tecnologia se torna uma aliada poderosa na preservação e no compartilhamento das memórias que refletem a riqueza e a diversidade da História Oral.

A história oral e a memória estão profundamente conectadas, trazendo uma visão mais humanizada sobre o passado. Ao valorizarmos as histórias individuais e reconhecermos a subjetividade que acompanha a memória, ampliamos nossa compreensão da história. A memória oral destaca a diversidade de vozes, que compõem a narrativa histórica e reforça a importância de preservar e respeitar as experiências pessoais que moldam nossa percepção do mundo.

#### 1.4 Do registro das fontes orais

As fontes orais que dialogam e colaboram com valiosas informações para a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) são três notáveis ex-moradores da Comunidade do Paurá que, em momento algum se recusaram a colaborar. As perguntas que orientam e conduzem as entrevistas foram previamente construídas/organizadas e cuidadosamente aplicadas, de acordo com a harmonia que se evoluía os diálogos. O equipamento tecnológico usado para a gravação das entrevistas foi o aplicativo de “gravador de áudio” de aparelho celular do entrevistador. A seguir trazemos uma micro biografia de nossos colaboradores.

**Figura 1:**



**Fonte:** Dilene Pimentel

**JOSÉ MARTINS PIMENTEL**, carinhosamente conhecido como “Zé Martins” tem 83 anos de idade, casado (com Maria Estelita Caldeira Pimentel), brasileiro, amazonense, aposentado como trabalhador rural, ex-morador da Comunidade do Paurá. Sua filiação materna é Darcinda Martins Pimentel (em

memória), brasileira, paraense, trabalhadora rural; viera do Município de Juruti (Velho), no Estado do Pará. Filiação paterna é Manoel Ferreira de Souza, conhecido como “Manduquinha Buretama”, natural da Ilha das Onças, município de Parintins. Seu José Martins nasceu no Paraná do Arari e lá viveu até aos 23 anos de idade<sup>4</sup>.

Após se casarem, José Martins e sua esposa Maria Estelita foram morar numa localidade chamada “Fortaleza” (próximo do Paurá). Nesse mesmo período no início da década de 1970, formou-se a Comunidade do Paurá, onde ele colaborou ativamente nos processos de formação e institucionalização da comunidade como membro da diretoria (coordenação), atuando como tesoureiro por um longo período de oito anos<sup>5</sup>. Sua entrevista foi realizada em sua residência, no bairro Santa Rita de Cássia, em Parintins, nos dias 23 de outubro de 2023.

**Figura 2:**



**Fonte:** Daizes Pimentel

**MARIA ESTELITA CALDEIRA PIMENTEL**, conhecida também como “Dona Estelita” tem 83 anos de idade, casada (com José Martins Pimentel), brasileira, amazonense, aposentada como trabalhadora rural, ex-moradora da Comunidade do Paurá. Ela nasceu em 1940, no Paraná do Arco, região do Arari; sua mãe se chamava Elvira Caldeira Silveira e seus avós maternos foram José Silveira Guimarães e Maria Caldeira Silveira: todos brasileiros, todos nascidos e vividos na mesma localidade. Dona Estelita pouco se recorda da sua filiação paterna; pois, tudo que sabe é que seu genitor nascera na “Ilha das Onças” (área do Arari) e seus avós paternos vieram do Estado do Pará<sup>6</sup>.

Depois de se casarem, dona Maria Estelita e seu José Martins foram morar no município de Urucurituba/AM; antes de se mudarem para a Comunidade do Paurá, mais ou menos em 1971. Sua atuação nos processos de formação e

<sup>4</sup> José Martins Pimentel, 83 anos, aposentado. Entrevista. Parintins, 2023.

<sup>5</sup> *Idem*.

<sup>6</sup> Maria Estelita Caldeira Pimentel, 83 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2023.

institucionalização da Comunidade do Paurá se deu de forma colaborativa/participativa, juntamente com seu marido e seus filhos (adultos)<sup>7</sup>. A entrevista de dona Maria Estelita foi realizada em sua residência, no bairro Santa Rita de Cássia, em Parintins, nos dias 23 de outubro de 2023.

**Figura 3:**



**Fonte:** Selma Serrão

**MARIA RAIMUNDA NEVES SERRÃO**, também conhecida como “Dona Mundica” tem 79 anos de idade, viúva, brasileira, amazonense, aposentada como trabalhadora rural, ex-moradora da Comunidade do Paurá. Nasceu no município de Itacoatiara e, ainda criança, seus pais mudaram-se para o Mocambo do Arari, no município de Parintins. Após se casarem, mudou-se com seu marido (em memória) Valdir Guedes Serrão, para o município de Urucará<sup>8</sup>.

Também fez parte dos processos de formação e institucionalização da Comunidade do Paurá de forma colaborativa/participativa, juntamente com seu marido. Atualmente, dona Maria Raimunda mora no bairro de Palmares, em Parintins, donde foi realizada a sua entrevista nos dias 16 de janeiro de 2024<sup>9</sup>. As entrevistas foram realizadas de forma individual, de acordo com a disponibilidade de cada uma das fontes orais, em suas respectivas residências. Apesar da idade avançada, cada uma delas se esforçou para colaborar e, de certo modo, reviver acontecimentos memoráveis de suas vidas naquele contexto histórico, na Comunidade do Paurá.

## **2 MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO HISTÓRICA DA COMUNIDADE DO PAURÁ**

---

<sup>7</sup> *Idem.*

<sup>8</sup> Maria Raimunda Neves Serrão, 79 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2024.

<sup>9</sup> *Idem.*

**Figura 4:** Do Remanso ao Erana e Paurá.



**Fonte:** Google Earth, 2024.

**Figura 5:** Fases da comunidade.



**Fonte:** Google Earth, 2024.

**Figura 6:** Imagem recente da comunidade.



**Fonte:** Google Earth, 2024.

As imagens acima nos localizam no espaço da Comunidade do Paurá: a figura 4 permite visualizar subindo o Rio Amazonas, na margem direita (terra firme), o Remanso e Paurá; na margem esquerda (várzea), o Erana. A figura 5 apresenta a dimensão territorial da antiga comunidade (na área baixa) para a então comunidade (na área alta). A figura 6 mostra a atual localização da comunidade.

Consta nas memórias dos sujeitos que colaboraram para esta pesquisa que a Comunidade do Paurá, formou-se na década de 1970. Um processo profundamente marcado pelas características naturais da região, especialmente pelas enchentes/vazantes dos rios. Com isso, a mudança dos moradores das áreas de várzea para a terra firme foi um fator decisivo na continuidade da formação comunitária. Além disso, a Igreja Católica desempenhou um papel importante no processo de organização e institucionalização da comunidade.

A formação da Comunidade do Paurá também foi marcada pela chegada de migrantes de outras regiões, especialmente do Estado do Pará. Essa migração é uma característica comum nas comunidades rurais amazônicas, que compartilham dinâmicas culturais diversas. Sobre os processos de formação das comunidades amazônicas, o historiador e antropólogo norte-americano Charles Wagley (1957, p. 43) observou que “todas as comunidades de uma área compartilham a herança cultural da região e cada uma delas é uma manifestação local das possíveis interpretações de padrões e instituições regionais”.

Essa visão de Wagley ressalta que as comunidades amazônicas funcionam como pequenos “laboratórios culturais”, preservando as tradições regionais e nos ajudando a compreender os processos e as conexões sociais que possibilitaram a formação da Comunidade do Paurá. Dentre os moradores que se destacaram nesse contexto está (em memória) Manoel Soares dos Santos, conhecido como “Alemão”,

de naturalidade paraense. Consta que ele foi um dos primeiros a se estabelecer naquela região, antes da chegada dos moradores do Erana e contribuiu significativamente para a formação da comunidade; assim como José Martins Pimentel, que foi outro pioneiro que viera do interior do Município de Parintins; se tornou uma figura importante nesse processo.

Minha família da parte de mãe, o meu princípio da parte de mãe é Juruti (PA), Darcinda Martins Pimentel e parte de pai; Manoel Ferreira de Souza, conhecido como “Manduquinha Buretama”, do Paraná do Arco/Parintins. Eu nasci no Paraná do Arari e ali me criei até a idade de 23 anos. Depois eu casei e fui morar na comunidade Fortaleza, município de Uruará. Nisso, se formou a Comunidade do Paurá, em 1972.<sup>10</sup>

Seu “Zé Martins” (José Martins), como é chamado na comunidade e nas regiões circunvizinhas, juntamente com dona Maria Estelita e dona Maria Raimunda, é um dos poucos moradores ainda vivos que experienciaram os processos de formação pois, *“uns foi embora, que Deus chamou, outros foram pra Manaus, outros pra Parintins; assim como eu que estou aqui (Parintins) há trinta anos com minha família”*.<sup>11</sup>

Dona Maria Estelita, também recorda sua trajetória, iluminando para os processos de configurações das comunidades próximas ao Paurá por onde seus familiares passaram e ou construíram relações de existências.

Eu vou fazer 84 anos. Eu nasci em 1940. O nome da minha mãe era Elvira Caldeira Silveira, aí o... ela também nasceu no Paraná do Arco; ia dizer, meus avós maternos eram José Silveira Guimarães e Maria Caldeira Silveira. Eu nasci também no Paraná do Arco, aonde era o terreno dos meus avós, lá eu me criei, no Mocambo do Arari. A mamãe também trabalhava por lá, era terreno do meu avô. Eles tinham terreno por lá, pelo Mocambo, mas o meu nascimento foi no “Arco”.<sup>12</sup>

Especificamente sobre nosso objeto de análise, dona Maria Estelita, é enfática em afirmar que *“a comunidade foi levantada no Paurá, mas era do Erana. De lá, numa enchente grande, de 1960 parece, ou 1962, aí passaram essa comunidade para a Comunidade do Paurá”*.<sup>13</sup> Sua narrativa destaca os sistemas naturais de estiagem/cheias que influenciam consideravelmente nas trajetórias de tantas famílias, obrigando-as a encontrar novas formas de viver e se organizar no Vale Amazônico.

<sup>10</sup> José Martins Pimentel, 83 anos, aposentado. Entrevista. Parintins, 2023.

<sup>11</sup> *Idem*.

<sup>12</sup> Maria Estelita Caldeira Pimentel, 83 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2023.

<sup>13</sup> *Idem*.

Outra personagem de nossa pesquisa é a senhora Maria Raimunda Neves Serrão, conhecida como “Dona Mundica”, é outra “guardiã das memórias” que marcaram os processos de formação da comunidade do Paurá. Em seu processo de construção de memória, ela remonta os primeiros moradores que foram peças-chave nesse processo: *“foi os Palhetas que fizeram. Teco Palheta, o Antônio Palheta e os filhos foram os fundadores da Comunidade do Paurá e assim ficamos já por lá, trabalhando, se ajudando e rezando”*.<sup>14</sup> Assim como a maioria dos moradores que migraram para a comunidade, dona Maria Raimunda também viera com sua família de outras localidades para assentarem-se no Paurá.

Tenho 79 anos. É! Eu nasci no município de Itacoatiara, me criei e fiquei moça já no município de Parintins, que é o Mocambo (distrito). E de lá me casei com um rapaz, do município de Urucará, e por lá eu fiquei fazendo a minha família. O nome do meu pai é Manoel Prestes das Neves, da minha mãe é Brasilina Mendonça Silveira.<sup>15</sup>

As constantes enchentes nas áreas de várzea forçaram a mudança dos moradores do Erana para as terras firmes do Paurá, como já demonstrado nas imagens acima. Consta que Manoel Soares dos Santos (Alemão), então proprietário da maior extensão de terras firmes naquele local, foi quem colaborou doando uma pequena área para os moradores se organizarem enquanto núcleo comunitário. Esse momento é rememorado por seu José Martins quando diz que *“no começo, esse senhor por nome “Alemão” doou uma parte do terreno dele, 150m x 150m, logo próximo a casa dele, pro lado de baixo, para os moradores do Erana construírem suas moradias”*.<sup>16</sup> Ele acrescenta que a organização comunitária que viera do Erana para o Paurá, permanecera por algum tempo sob as mesmas lideranças.

Olha, o compadre Dalvo foi como presidente da comunidade, na época era presidente. Aí entrou os outros: compadre Manoel Palheta Bentes, conhecido como “Teco Palheta”, foi como vice-presidente e o ministro Valdemar Prestes, na época. Aí foi se concluindo a comunidade.<sup>17</sup>

Dona Maria Raimunda Neves Serrão, relembra que seu marido (em memória) Valdir Guedes Serrão, também fez parte da diretoria se tornando presidente da comunidade naquele período, onde muito contribuiu com a organização e o fortalecimento comunitário, assim como os seus sucessores.

Primeiro que organizou a comunidade foram os... Eu já falei né, começou os Palheta, depois veio o compadre “Alemão”, que foi

---

<sup>14</sup> Maria Raimunda Neves Serrão, 79 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2024.

<sup>15</sup> *Idem*.

<sup>16</sup> José Martins Pimentel, 83 anos, aposentado. Entrevista. Parintins, 2023.

<sup>17</sup> *Idem*.

presidente; depois foi o Valdir Serrão; depois foi o “Zé Martins” parece, que foi; Luiz Rodriguez, Eduardo Bezerra, Luiz (que era marido da Raimundinha...) Teve muitos presidentes a Comunidade do Paurá; Dílson Serrão... Agora já esses outros novatos já.<sup>18</sup>

Dona Maria Raimunda faz questão de relatar cuidadosamente o nome de cada um dos envolvidos nesse processo e guarda na memória aqueles que tanto se dedicaram na formação da Comunidade do Paurá. Depois de seu marido, os demais sucessores assumiram a liderança da comunidade. Ainda no contexto da participação do marido de dona Maria Raimunda, seu José Martins participou ativamente da coordenação, atuando como tesoureiro e descreve o nome de alguns de seus companheiros de caminhada comunitária.

Olha, formou-se a comunidade, eu fiz parte também da comunidade nessa época né! me colocaram como tesoureiro da comunidade oito anos. Depois eu... me tiraram, eu não quis mais; aí fiz parte da comunidade todo o tempo. Essa comunidade foi formada por Manoel Soares dos Santos, conhecido como “Alemão”, Valdir Guedes Serrão, cunhado dele (do Alemão) e Dalvo Mendonça de Lima, um senhor que, por sinal, era meu compadre.<sup>19</sup>

Os pioneiros dos processos de formação da comunidade, ainda no Erana citados por Dona Maria Raimunda, eram conhecidos também como “Os Palhetadas” - uma referência à família Palheta. Ao passar dos anos eles se mudaram para Manaus, onde alguns deles ainda residem até hoje, no Bairro da Redenção; deixando na memória da Comunidade do Paurá um sentimento de reconhecimento pelo seu legado.

Ao passar do tempo com o crescente número de moradores que aos poucos iam se agregando, esse local tornou-se insuficiente para todos, exigindo novas alternativas de maior espaço. Para o alívio coletivo, seu Manoel Soares decide abrir mão de outra área da sua propriedade, onde antes servia para pastagem de gado (bem maior que a primeira), para o deslocamento da comunidade, como descreve seu José Martins: “*depois como a localidade era um pouco insuficiente, aí ele doou “em cima da terra”, por sinal até hoje existe a comunidade “em cima da terra”.*”<sup>20</sup> Esse novo espaço, “encima da terra”, ao qual seu José Martins se refere é uma área bem mais ampla na parte mais alta de terra firme, em relação a antiga comunidade - daí a expressão “em cima da terra” - chegando, em tempo de boa condição climática, na atualidade, captar sinal de cobertura de telefonia móvel com acesso à internet das antenas instaladas nas proximidades.

<sup>18</sup> Maria Raimunda Neves Serrão, 79 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2024.

<sup>19</sup> José Martins Pimentel, 83 anos, aposentado. Entrevista. Parintins, 2023.

<sup>20</sup> *Idem.*

É bem alto mesmo! Um verdadeiro desafio para os moradores e visitantes para encarar a subida e descida bastante íngreme, através de uma longa escada de madeira que se divide em duas partes (ver. fig. 7 e 8), construída estrategicamente, para a retomada do fôlego na subida de cada degrau até chegar à área comunitária. Tanto, que para muitos dos visitantes de idade mais avançada, preferiam fazer o percurso do antigo caminho da primeira comunidade até essa localidade, percorrendo uma distância muito mais longa, porém, com mais conforto e tranquilidade. Entretanto, ao passar dos anos, esse caminho alternativo mais confortável se tornou quase intrafegável, devido ao mínimo de utilização pelos próprios comunitários, por questões de praticidade.

**Figura 7:** Capela e Centro Social.



**Fonte:** Paurá Amazon, Facebook.

**Figura 8:** Escada do porto



**Fonte:** Paurá Amazon, Facebook.

A Comunidade do Paurá consolidou uma identidade coletiva, forjada a partir das experiências de adaptação ao ambiente e da colaboração mútua. Assim foi se estruturando, numa perspectiva de vida social corroborada pela necessidade contínua de doação e resiliência. A valorização dos modos de vida tradicionais desempenhou um papel central no processo de formação e organização dessa comunidade; uma das características das comunidades rurais amazônicas, pois,

É nas suas comunidades que os habitantes de uma região ganham a vida, educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram seus deuses, têm suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de suas determinadas culturas (WAGLEY, 1957, p. 42).

Ao longo dos anos, a comunidade foi se constituindo dentro de uma perspectiva de vida coletiva, marcada pela necessidade contínua de um modo de convivência em comunhão e reciprocidade. Apesar das particularidades de cada indivíduo, havia sempre um esforço mútuo para superar as diferenças entre os moradores, restabelecendo qualquer divergência ocasional com respeito. Unidos pelo espírito acolhedor, a comunidade foi se fortalecendo como uma grande família - embora a grande maioria dos moradores pertencessem, de fato, ao mesmo vínculo

familiar consanguíneo, herdeiros de seu Manoel Soares dos Santos - que, mesmo crescendo lentamente, mantinha seus laços afetivos inabaláveis, reconhecendo que fora com esse sentimento de união e companheirismo que a vida na comunidade prezou, desde seu início, e assim deveria prosseguir.

Poucas coisas restaram como referência local da primeira comunidade, na área baixa terra firme, além das mangueiras dentre outras plantações que, ao passar dos anos, foram substituindo os vestígios das antigas moradias de madeira, juntamente com a velha capela de palha e chão batido. O antigo porto é um marco memorável. Local onde muitas embarcações aportaram trazendo e levando cargas e passageiros da Comunidade do Paurá.

### 3 SOBRE OS PROCESSOS DE INTITUCIONALIZAÇÃO DA COMUNIDADE

**Figura 9:** Capela de Nossa Senhora de Fátima



**Fonte:** Paurá Amazon, Facebook.

A Igreja Católica desempenhou um papel central na institucionalização da Comunidade do Paurá (Ver fig. 9). Desde os primeiros missionários que chegaram à região, a religiosidade sempre esteve presente na vida dos moradores das comunidades rurais. Nos anos 1970, a Igreja Católica intensificou suas missões enviando missionários do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME), para várias partes do mundo, inclusive para a Amazônia, conforme as aspirações do Concílio Vaticano II.<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Em Urucará, além de Padre Gianola, do PIME, importa a atuação dos missionários canadenses, ver em SERRÃO, Arenilton Monteiro. *Colônias agrícolas e campesinato: raízes de uma nova territorialidade no médio Rio Amazonas, município de Urucará - AM*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018; ver também BEZERRA, César Aquino. *Da Pensilvânia ao Amazonas: a trajetória missionária de Clinton Benjamin Thomas e a Igreja de Cristo em Urucará*. Manaus; São Paulo: EDUA; Alexa Cultural, 2024.

Esse período foi marcado pelo Movimento Mariano, uma prática religiosa popular entre os católicos, que já era mantida desde o Catolicismo Popular<sup>22</sup>. O padre Manoel do Carmo Campos destaca que essa forma de religiosidade da época, era sustentado basicamente por leigos.

A missão desenvolvida pelos missionários do PIME trouxe no seu bojo a romanização. Note-se que esse tipo de catolicismo popular a partir dos leigos foi herdado do antigo catolicismo luso-brasileiro, que era um “catolicismo assentado sobre organizações e lideranças leigas” (CAMPOS, 1995, p. 114).

Foram lideranças leigas que, ao longo de suas trajetórias até chegarem no Paurá, sustentaram a fé sempre em conexão com a Igreja Católica que mantinha suas atividades religiosas por inúmeras comunidades da Amazônia. E o “Setor Mariano”, como era chamado pelos fiéis daquele período, foi determinante para que o catolicismo romano se perdurasse. Segundo Ronaldo Bentes Cavalcante, em sua dissertação de mestrado:

[...] foi com o trabalho de alguns missionários do PIME que o movimento se fortaleceu. O grande incentivador do marianismo foi o padre Jorge Frezzini “o grande apóstolo, o grande profeta da Congregação Mariana foi o padre Jorge Frezzini, um grande pregador, organizava retiro no interior no começo, depois passou a ser organizado na Olaria, onde tinha a casa de retiro” (DOM MARIO, Entrevista, 2018). Em oito de dezembro de 1957 foi criada a Federação Mariana (CAVALCANTE, 2019, p. 91).

Dona Maria Raimunda Neves Serrão, relembra da vida religiosa que os moradores daquela localidade vivenciavam, antes da institucionalização da Comunidade do Paurá, pela Igreja Católica.

[...] tinha muita gente religioso, religiosa aí. Nós éramos muito religiosos; só que não tinha comunidade, a gente não fazia o culto dia de domingo né, aí a gente rezava individual. Rezava a ladainha, ia pelas casas...

Quando tinha as festas dos santos né, que a gente ia, mas não tinha a comunidade naquele tempo. Era só mesmo ladainha dos santos, as festinhas que tinha com os comes e bebes, aí depois apareceu a comunidade, tudo mundo frequentou.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Para aprofundar a questão, ver em CAMPOS, Pe. Manuel do Carmo. *A decadência do catolicismo popular na região parintinense (1955-1975)*. Revista de Cultura Teológica, n. 12, p. 109-117, jul./set. 1995; ver também em MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Comunidades “no sentido social da Evangelização”*: Cebs, camponeses e quilombolas na Amazônia oriental brasileira. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 30(2): 13-37, 2010.

<sup>23</sup> Maria Raimunda Neves Serrão, 79 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2024.

Um nome de grande relevância que se destaca nas comunidades rurais do Baixo Amazonas é Padre Augusto Gianola.<sup>24</sup> Chegou naquele contexto da década de 1970 para iniciar sua trajetória missionária naquela região. “Padre Augusto”, como era chamado por onde chegava, foi uma figura fundamental na institucionalização da Comunidade do Paurá, trazendo um novo vigor espiritual e social para os moradores, contribuindo significativamente para a consolidação da identidade comunitária. Dona Maria Estelita, recorda bem desse tempo.

Primeiro padre que foi lá, foi Padre Augusto Gianola. Primeiro padre que surgiu nessa comunidade. O padre levou as pessoas pra lá pra *fazer curso de diretoria da direção da comunidade*. É... naquele tempo falavam... Era presidente, né! Aí era tesoureiro, secretário, tudo eles. Então ele fazia os convites pra eles *e iam lá fazer esses cursos pra poder servir a comunidade*. “O padre” chamou pra fazer também *curso de ministro da eucaristia*... tudo isso. Quem fez o curso de ministro da eucaristia foi o Luiz Bentes Rodrigues (já até morreu). Ele foi o primeiro ministro da eucaristia da Comunidade do Paurá; depois que entrou já compadre Cledemar e outras pessoas lá. (Grifos nossos)<sup>25</sup>

A fala de dona Maria Estelita reflete a importância da atuação do Padre Augusto Gianola na estruturação social e religiosa da comunidade. O relato destaca a memória de Luiz Bentes Rodrigues como o primeiro, ministro da Eucaristia, evidenciando a valorização das contribuições individuais nesse processo histórico. Essas iniciativas dos missionários da Igreja Católica nas comunidades rurais da região amazônica, fortaleciam as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), motivando os moradores na organização “e seus desenvolvimentos — no Brasil, influenciadas pela TL —, cuja ideia fundamental foi plantada, de fato, desde os anos 1950, mas que nasceram de modo mais efetivo como fruto do Concílio Vaticano II” (MAUÉS, 2018)<sup>26</sup>.

Seu José Martins Pimentel também enfatiza a contribuição relevante do missionário do PIME nos processos de institucionalização do Paurá, que sempre esteve presente motivando e orientando os fiéis para a estruturação da comunidade.

Olha, na época, era o Padre Augusto que *chegou por lá, incentivando, animando a comunidade, ensinando*... o Padre Augusto era uma pessoa muito chegada à humanidade. Ele, pra falar a verdade, eu nunca vi um padre dedicado à igreja, à coisa boa como Padre Augusto. Veio os outros padres também já de Uruará, davam assistência na comunidade, mas depois de já está a comunidade já começada.<sup>27</sup> (Grifos Nossos)

<sup>24</sup> Para aprofundar sobre esse missionário e sua atuação na prelazia/diocese de Parintins, ver NEGRI, Teodoro. Augusto, Eremita na Selva Amazônica. Diário. São Paulo: Editora Mundo e Missão, S/D.

<sup>25</sup> Maria Estelita Caldeira Pimentel, 83 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2023.

<sup>26</sup> MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Comunidades “no sentido social da Evangelização”*: Cebbs, camponeses e quilombolas na Amazônia oriental brasileira. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 30(2): p 26, 2010.

<sup>27</sup> José Martins Pimentel, 83 anos, aposentado. Entrevista. Parintins, 2023.

Dona Maria Raimunda recorda da importante contribuição do missionário italiano, sem deixar de mencionar a trajetória e as pessoas envolvidas nessa jornada; bem antes de chegarem no Paurá.

A Comunidade do *Paurá* ela foi... *ela foi fundada...* *Padre Augusto* que fundou a Comunidade do, do Remanso; aí passou pro *Bom Futuro*; do Bom Futuro ele passou pro, pro *Erana*; do Erana foram os Palheta que fundaram no Paurá, pela uma enchente muito grande que teve, né. E aí eles vieram pro lago do Paurá, de lá eles vieram pro... Pra lá onde é a comunidade. Lá eles fundaram a comunidade junto conosco já, com o compadre Alemão, o Valdir, já com as pessoas de lá né, eles fundaram lá. Zé Martins, Estelita, parece que já tão de idade... Lourival, Maria Cristo e assim as outras.<sup>28</sup> (Grifos Nossos)

A narrativa de dona Maria Raimunda, rica em detalhes sobre os deslocamentos e a formação das comunidades, nos leva a um período em que as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) desempenhavam um papel central na vida das áreas rurais. Essa organização, que combinava a presença simbólica da Igreja com o fortalecimento das lideranças locais, revela como a fé, o cotidiano e o território estavam profundamente entrelaçados na história dessas comunidades. Ao compartilhar suas memórias, dona Maria Raimunda destaca o papel dos padres e a união dos moradores em torno da fé; uma força que não apenas estruturava a convivência, mas também ajudava a construir e preservar a identidade coletiva dos comunitários.

As orações comunitárias (dominicais e em datas celebrativas), ajudaram a fortalecer os laços entre eles e deram um sentido maior à luta diária daqueles moradores na busca de melhorias e acessos a direitos básicos. “Padre Augusto”, como era chamado e lembrado por todos da região, sempre estava presente orientando e apoiando, fosse na vida religiosa ou social, mas sem interferir ou assumir diretamente alguma responsabilidade naquilo que considerava que os moradores estavam de acordo, em relação às diretrizes da comunidade. O missionário sempre foi muito querido por todos por onde passava. “Padre Augusto participa das atividades pastorais e sociais, tornando-se um missionário muito engajado, admirado e querido pelo povo, pela novidade dos métodos, pelo espírito de sacrifício e caridade” (NEGRI, S/D, p. 37).

Dona Maria Raimunda faz questão de destacar a presença dos missionários (padres, freiras, religiosos) que proporcionavam interação com outras comunidades católicas circunvizinhas. As atividades religiosas, sociais e culturais alimentavam as conexões comunitárias, como um elo indispensável para a comunhão e

---

<sup>28</sup> Maria Raimunda Neves Serrão, 79 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2024.

fortalecimento de todos. Dentre eles, sempre estava a presença marcante do missionário italiano.

Olha! o Padre Augusto, os padres vêm aqui, vinham fazer reunião, vinham... aí, outras comunidades daí *do Sororoca, do Carará*, diziam fazer aquelas festinhas que eles faziam né, entre eles né; entre os padres, as freiras, religiosos e comunitários da comunidade. Da Comunidade *do Marajá*, do, do... Que vinha era de cima...<sup>29</sup>

Além de trazer mais comunidades em processos de institucionalização a partir da atuação religiosa dos missionários, dona Maria Raimunda nos indica um mecanismo especial desse processo que são as tais *festividades religiosas* realizadas pelos comunitários com apoio dos missionários. Na sua maioria, estavam relacionadas com a celebração das datas festivas dos santos padroeiros de cada comunidade, recém institucionalizada a partir de um santo “levado pelos padres”. Quando essas “festinhas” aconteciam, como dizia Dona Maria Raimunda, sempre eram convidadas outras comunidades da vizinhança para celebrar e confraternizar. Assim, a festa celebrativa da padroeira Nossa Senhora de Fatima, da Comunidade do Paurá, acontece anualmente, impreterivelmente nos dias 13 de maio.

A atuação de Padre Augusto Gianola na Comunidade do Paurá, juntamente com outros missionários da Igreja Católica, deixou um legado duradouro. As ações realizadas por eles durante esse período da década de 1970, continuaram frutificando na religiosidade, na saúde, na educação, motivando aos moradores na condução dessas iniciativas por um longo período. Os valores de solidariedade e coesão social promovidos pelo padre Gianola permanecem vivos na memória e nas práticas cotidianas dos moradores dessa comunidade.

A institucionalização da Comunidade do Paurá, portanto, não foi apenas um processo de formalização administrativa religiosa, mas uma transformação social e cultural. Impulsionada por líderes comunitários e missionários visionários, como Padre Augusto, sustentada pela fé e união dos leigos. A integração das práticas religiosas com iniciativas de desenvolvimento comunitário resultou em uma comunidade mais organizada, solidária e com um forte senso de identidade e compromisso coletivo.<sup>30</sup>

#### **4 DAS PRÁTICAS SOCIAIS, DE TRABALHO E SOCIORELIGIOSAS**

<sup>29</sup> Maria Raimunda Neves Serrão, 79 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2024.

<sup>30</sup> Para um aprofundamento desses processos de formação e institucionalização de comunidades, ver ROCHA, João Marinho da (2021). Memória e História: processos socioculturais e religiosos de formação e institucionalização de comunidades no Baixo Amazonas. In. SILVA, Maria de Lourdes; CARDOSO, Maria Celeste. Orgs. **50 anos de história e evangelização na Amazônia** Jubileu da paróquia de São José Operário. Parintins: gráfica João XXIII, 2021.

*Na colônia nós tivemos boa vida, bom trabalho, a gente comia bem, trabalhava em conjunto tudo mundo...*<sup>31</sup>

A economia da Comunidade do Paurá, como a maioria das comunidades da região amazônica, baseava-se na agricultura de subsistência, na pesca artesanal e no extrativismo, além do trabalho coletivo e familiar, com atividades que proporcionavam o sustento dos moradores e contribuía para a conexão social. Isso era perceptível através do compartilhamento de trabalho nos “roçados” - nos chamados “puxiruns”, relação de troca de serviço individual ou coletivo, muito comum naquela época da década de 1970 na Amazônia. Sobre isso, Dona Maria Estelita conta que:

O trabalho no Paurá começou... Primeiro eles trabalhavam em conjunto, fazendo roça e trabalhando no *plantio de guaraná*, como eu... Quando eu vi, *montaram a colônia* né e o “Padre” foi pra lá. Aí eles trabalhavam assim, tudo junto né. A gente tinha o trabalho da gente também particular, mas tinha trabalho do, das sociedades de lá, da comunidade.<sup>32</sup> (Grifos Nossos)

A colônia citada por Dona Estelita, foi mais um projeto inovador idealizado e realizado pelo Padre Augusto Gianola, juntamente com seus pares e com os trabalhadores rurais de tantas outras comunidades. Em sua dissertação, “Colônias Agrícolas e Campesinato: raízes de uma nova territorialidade no médio rio Amazonas, município de Urucará-Am”, SERRÃO (2018)<sup>33</sup> aborda a formação histórica dos camponeses nas várzeas do médio rio Amazonas, especialmente em Urucará, Parintins e Urucurituba, destacando sua relação com a terra, a floresta e a água, que sustentou atividades de subsistência, extrativismo e pesca até a migração forçada para terras firmes nas décadas de 1960 e 1970. Esse processo foi influenciado por enchentes, falta de terras e novas conjunturas políticas e econômicas. A Igreja Católica desempenhou papel crucial na organização e fortalecimento do campesinato, através das CEBs, Associações e Sindicatos, promovendo autonomia e consciência social.

Como já mostrado anteriormente, as influências do Missionário espalharam-se por aquela região do Paurá, chegando a outras como no Mocambo do Arari, conforme Jéssica Dayse Matos Gomes.

Encontram-se, nas falas dos moradores do Mocambo do Arari o reconhecimento de algumas pessoas, que segundo os informantes,

<sup>31</sup> Maria Raimunda Neves Serrão, 79 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2024.

<sup>32</sup> Maria Estelita Caldeira Pimentel, 83 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2023.

<sup>33</sup> SERRÃO, Arenilton Monteiro. Colônias agrícolas e campesinato: raízes de uma nova territorialidade no médio Rio Amazonas, município de Urucará - AM. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

também contribuíram para o desenvolvimento da comunidade. O padre italiano Augusto Gianola é lembrado pelo seu exílio no Mocambo onde, segundo os moradores, ele pagava penitência no meio das matas, mas também ajudava os mocambenses nos contextos religioso, social e cultural (GOMES, 2017, p. 102, 103).

Outra personagem lembrada é a missionária italiana Nella Castiglione, vinda para o Amazonas com um grupo de jovens missionários estrangeiros a convite de Padre Augusto Gianola. Castiglione recorda muito bem dos longos caminhos que percorreu nos processos burocráticos e seus obstáculos junto aos órgãos governamentais competentes, na capital do estado. Tudo para conseguir atender os pedidos de Padre Augusto, na busca pela regularização da terra para os trabalhadores rurais daquelas comunidades. Segundo Castiglione, apesar das inúmeras atividades que o missionário italiano desempenhava, conseguir atingir o objetivo daquele projeto que beneficiaria diversas comunidades rurais daquela região, por vezes, parecia ser uma de suas maiores missões. Nella Castiglione fala também que Padre Augusto,

[...] fazia um trabalho de evangelização, mas também de demarcação de terras. Porque, além de vencer as resistências da burocracia (eu ia com frequência a Manaus para convencer os engenheiros do governo a vir até nós), precisava depois demarcar as terras no lugar e não era fácil. Lugares distantes, o isolamento, os perigos da floresta, dias e dias a pé e de canoa (Nella Castiglione *apud* NEGRI, S/D, p. 85).

Toda essa iniciativa seria para regularizar terras devolutas, para que os trabalhadores rurais da Comunidade do Paurá, juntamente com tantas outras comunidades da região, acompanhadas por ele (Gianola), pudessem trabalhar e produzir em terras legalizadas. Para Nella Castiglione, Padre Augusto não media esforços para garantir que os colonos fossem assegurados com seus devidos documentos, que lhes garantisse a posse de suas propriedades territoriais. Afinal, a tão sonhada seguridade da terra produtiva por parte dos trabalhadores rurais, desenhada no esboço da Reforma Agrária, já se estendia por décadas de espera.

Essa perspectiva de organização agrícola projetada por Padre Augusto, também facilitaria a produção e escoação dos produtos da roça: como derivados da mandioca (principalmente a farinha), o guaraná (in natura) dentre outros, cultivados na colônia e transportados para a comunidade para destinar-se aos compradores locais e dos centros urbanos. Esses recursos fomentava a subsistência das famílias da comunidade e fortalecia seus vínculos sociais. Todavia, o trabalho nos roçados não se concentrava tão somente na colônia, mas se estendia por toda a região nas proximidades da comunidade em diversificados ramos de produção rural, como ressalta seu José Martins:

[...] na época, o trabalho era roça: era banana que se plantava, que se colhia; a juta por sinal, que era fibra, se acabou-se. E assim foi. Tem muitas famílias que alguns ainda tem roça, outros não têm mais nada lá e tão vivendo.<sup>34</sup>

Dona Maria Raimunda Neves Serrão, recorda do tempo de institucionalização da colônia e da boa vida que o trabalho na roça proporcionava para todos os moradores da Comunidade do Paurá, naquele lugar. Ela fala da colônia e sua importância para a vida comunitária, que dali tiravam seu sustento e compartilhavam do mesmo sentimento de valorização do trabalho coletivo. Dona Maria Raimunda ainda se emociona ao lembrar desse tempo de fartura, em que trabalhou na colônia com sua família e, faz questão de recordar, como tudo começou e daqueles que sempre estiveram presentes na força do trabalho comunitário, naquele período.

Tem 50 anos a comunidade com a colônia; foi no ano que eu tive o meu filho, que eu teve o Ivan, né, ele tem 50 anos. É dessa idade a comunidade. Logo, logo, logo com um ano e pouco começou a colônia. *Na colônia nós tivemos boa vida, bom trabalho, a gente comia bem, trabalhava em conjunto tudo mundo.*

Pois é! Então, eram 25 membros da comunidade... da colônia, que tinha 25 sócios. Depois foi, foi, foi já que ficou pouco sócio e *agora ela de... está acabada. Num tem mais ninguém trabalhando; só os terreno que tem lá.*<sup>35</sup> (Grifos Nossos)

De igual modo, ao se referir à vida em comunidade, dona Maria Estelita relata a importante que teve os projetos sociais para sua família e a satisfação em conseguir adquirir sua propriedade particular.

E aí a gente foi pra lá, levou os filhos pra estudar, os pequenininhos *pra batizar* e os filhos *pra estudar*, os maiores. Primeiro nós moramos na comunidade, aí quando o meu sogro ofereceu o terreno dele pra nós comprar, nós compramos o nosso terreno e fomos morar em cima de que era nosso, nosso terreno, abaixo da Comunidade do Paurá.<sup>36</sup> (Grifos Nossos)

Neste contexto, dona Maria Estelita descreve as vantagens da vida em comunidade, pela presença de recursos sociais como escola e assistência em saúde, trazidas pelos missionários do PIME. Essas instituições sociais foram significativas para sua família, especialmente na educação básica para os seus filhos. Ela faz questão de mencionar a participação de filhos e nora, no serviço comunitário.

<sup>34</sup> José Martins Pimentel, 83 anos, aposentado. Entrevista. Parintins, 2023.

<sup>35</sup> Maria Raimunda Neves Serão, 79 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2024.

<sup>36</sup> Maria Estelita Caldeira Pimentel, 83 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2024.

O meu filho também, o mais velho, ele também participou lá. Ele também foi uma diretoria lá e foi também professor do MOBREAL<sup>37</sup> Raimundo Carlos Caldeira Pimentel (Carlinho). Aí participou também, depois que ele casou, participou a mulher dele; ela era professora, Raimunda Serrão Pimentel (Dinha).

Depois dela estar muito tempo já na comunidade dando aula, aí ela passou fazer curso de técnica de saúde. Primeiro, ela entrou como agente de saúde, aí quando ela foi pra cidade lá pro Uruará, ela fez técnico em saúde. O meu segundo filho José Cledenor Caldeira Pimentel (Cledenor), também fez o curso; primeiro de agente de saúde, aí depois ele foi pra cidade, ele fez técnico de saúde, hoje ele é um técnico de saúde, lá em Uruará.<sup>38</sup>

Para dona Maria Raimunda Neves Serrão, as celebrações das festas juninas (músicas e danças folclóricas) também foram frutos da participação da Igreja, proporcionando momentos importantes de entretenimento e expressão cultural.

É, tinha! Tinha atividade que eles iam pra lá fazer. Faziam reunião com a comunidade né, faziam, faziam brincadeira, reuniam as meninas pra contar história né, da bíblia. E eles faziam atividades, eles iam fazer... Os padres com as freiras né, as religiosas, ensinavam: como viver, como era o texto da comunidade? Como a gente vive numa comunidade? Eles vinham reunir o pessoal né, eles faziam aquela reunião também de mês em mês.<sup>39</sup>

Uma dessas religiosas era Nella Castiglioni, que segundo seu José Martins, *“a Dona Nella, era enfermeira, que ajudou muito a comunidade. Fazia parte também da igreja, né; mas era totalmente da saúde, parte da saúde, é”*.<sup>40</sup> Dona Maria Raimunda afirma também que *“a Nella era uma italiana que acompanhava o Padre pra fazer as atividades na comunidade. Era uma religiosa. Ensinava a dar injeção; era um curso que eles faziam”*.<sup>41</sup> Ela destaca ainda os pioneiros da comunidade e seus sucessores, beneficiados por esses cursos trazidos pelos missionários para a Comunidade do Paurá.

Veio um curso, um curso assim como fazem né, aí veio pra ensinar dar injeção, aí até o Candiru. Só o Candiru parece, nesse tempo e o Cledenor que fizeram o curso. Aí depois que veio a Dinha, quando a Dinha veio né, aí veio de novo...

Tudo ano, que mudava de presidente, de agente de saúde, quase nem mudava, eles vinham ensinar dar injeção né. Mas só quem aprendeu a dar injeção lá foi o Cledenor e o Candiru - eu (risos) só tomei uma vez com o Cledenor; com o Candiru, nenhuma.<sup>42</sup>

<sup>37</sup> Para saber mais sobre o mobral, ver ARRUDA, Ângela Cristina Souza . O MOBREAL e a educação de jovens e adultos: uma representação ideológica da ditadura militar. Trabalho apresentado como avaliação parcial do Componente Curricular EDCB97 – Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), 2018.

<sup>38</sup> Maria Estelita Caldeira Pimentel, 83 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2023.

<sup>39</sup> Maria Raimunda, 79 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2024.

<sup>40</sup> José Martins Pimentel, 83 anos, aposentado. Entrevista. Parintins, 2023.

<sup>41</sup> Maria Raimunda Neves Serrão, 79 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2024.

<sup>42</sup> *Idem*.

Reconhecendo a importância da educação para o desenvolvimento pessoal e comunitário, Padre Augusto foi um defensor da criação de projetos sociais. Ele ajudou a estabelecer formação educativas que capacitava jovens e adultos com conhecimentos que iam além da alfabetização, incluindo formação técnico-profissional para homens e mulheres, como descreve Dona Maria Estelita.

Tinha uma senhora lá que ela armou um curso de... Foi das mulheres, né! É... Curso de corte e costura, aí muitas entraram, trabalharam, fizeram né... E depois, ela foi embora, acabou né. Quem aprendeu, aprendeu; quem não aprendeu... Aí, mas foi muito bom esse curso. Eu também fiz curso de enfermagem lá, mas não fui em frente.<sup>43</sup>

Padre Augusto também planejou e realizou, juntamente com outros missionários do PIME, a construção e manutenção do Centro de Treinamento Rural (CETRU),<sup>44</sup> bem próximo da Cidade de Urucará. Apesar da vida corrida que o missionário levava, andando de um lugar para outro, carregado de compromissos exigidos pela missão religiosa e social, ele dizia: *“esse trabalho não me impede, antes requer uma presença também no CETRU, para ajudar os responsáveis a formular planos ou corrigir erros”* (NEGRI, S/D, p. 84). Nesse local de estudos e formação técnica agrícola integral, também conhecido como “Escola Agrícola”, muitos jovens da região do Município de Urucará (assim como da Comunidade do Paurá), receberam formação técnica que foram aplicadas na vida cotidiana de trabalho nas suas propriedades rurais; trazendo novas práticas de lidar com o campo, melhorando o cultivo, aumentando a produção agrícola; especialmente nas colônias.

A atuação de Padre Augusto Gianola e a participação da Igreja Católica na Comunidade do Paurá deixaram um legado duradouro. As instituições criadas durante este período continuam a funcionar e a servir a comunidade, e os valores de solidariedade e coesão social promovidos pelo padre Gianola permanecem vivos na memória e nas práticas cotidianas dos moradores, até hoje.

Com o passar do tempo, o Paurá se consolidou como uma comunidade forte e unida, com uma identidade profundamente enraizada na colaboração, na valorização dos modos de vida tradicionais. O espírito de cooperação atraiu novos moradores, que trouxeram consigo novas perspectivas, contribuindo para o crescimento da comunidade.

Hoje, ao olhar para trás, é possível reconhecer a importância das vozes desses pioneiros na formação do Paurá. As memórias de José Martins, Maria Estelita e Maria Raimunda indicam para aspectos da História Social da comunidade,

<sup>43</sup> Maria Estelita Caldeira Pimentel, 83 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2023.

<sup>44</sup> Para aprofundamento desse tema, cf. Serrão (2018)

uma herança viva que continuam a contribuir para a pesquisa e o conhecimento sobre as comunidades rurais do Amazonas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso buscou dar visibilidade à rica História Social da Comunidade do Paurá, valorizando as memórias de José Martins Pimentel, Maria Estelita Caldeira Pimentel e Maria Raimunda Neves Serrão. Mais do que um estudo acadêmico, a pesquisa revelou a profundidade e a relevância dessas histórias na compreensão dos processos que moldaram a comunidade durante a década de 1970, mostrando a importância de preservar as identidades e tradições das comunidades rurais amazônicas.

A pesquisa também mostrou que a formação da Comunidade do Paurá é o resultado de diversificados fatores naturais, sociais, econômicos e culturais. Nesse cenário, a atuação da Igreja Católica, especialmente por meio do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME), surgiu como um pilar fundamental. Não se limitando à evangelização, o PIME, representado por figuras como o padre Augusto Gianola, promoveu avanços significativos nas áreas de saúde e educação, em regiões marcadas (muitas vezes) pela ausência do Estado e pelos desafios geográficos.

As narrativas das fontes orais trouxeram à tona dinâmicas sociais, práticas culturais e desafios que marcaram a história da comunidade. Suas trajetórias apresentam uma resiliência profunda frente às adversidades, oferecendo um quadro de um período de grandes transformações. O uso de uma metodologia qualitativa, através da História Oral, com análise de documentos históricos e entrevistas, permitiu construir uma narrativa profundamente humanizada, conectando elementos de história, antropologia e sociologia.

Um aspecto central revelado pelo estudo foi o papel da religião como motor de mudanças sociais. A atuação do PIME foi muito além da esfera espiritual, influenciando o dia a dia e as perspectivas de futuro dos comunitários. A reflexão sobre essa contribuição mostra como instituições religiosas têm um papel importante em regiões onde a presença do Estado é limitada, promovendo o desenvolvimento das comunidades rurais e a transformação de suas realidades.

Além disso, a pesquisa destacou a memória coletiva como uma ferramenta de resistência frente às pressões políticas, econômicas e ambientais que afetam essas comunidades. As histórias de vida documentadas não apenas resgatam experiências individuais, mas também se conectam numa narrativa coletiva, revelando os desafios enfrentados pelos moradores e as transformações por eles vividas. Essas

memórias formam uma rede que conecta passado e presente, tradição e modernidade, enriquecendo a compreensão das relações sociais e culturais da região do Baixo Amazonas.

Mais do que uma reconstrução histórica, este trabalho contribui para a preservação da memória e identidade da Comunidade do Paurá. Ele oferece um ponto de partida para futuros estudos sobre o desenvolvimento das comunidades rurais amazônicas, ao mesmo tempo em que promove uma historiografia mais inclusiva às vozes frequentemente marginalizadas.

Por fim, o estudo reafirma a relevância da História Social e da História Oral para compreender as complexidades do desenvolvimento das comunidades rurais nessa região. As memórias de José Martins Pimentel, Maria Estelita Caldeira Pimentel e Maria Raimunda Neves Serrão iluminam histórias que poderiam se perder no tempo, mas que agora ganham um espaço na edificação de uma narrativa histórica mais rica e diversificada na construção da história da Comunidade do Paurá.

## FONTES ORAIS

JOSÉ MARTINS PIMENTEL, 83 anos, aposentado. Entrevista. Parintins, 2023.

MARIA ESTELITA CALDEIRA PIMENTEL, 83 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2023.

MARIA RAIMUNDA NEVES SERRÃO, 79 anos, aposentada. Entrevista. Parintins, 2024.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

ARRUDA, Ângela Cristina Souza . **O MOBREAL e a educação de jovens e adultos**: uma representação ideológica da ditadura militar. Trabalho apresentado como avaliação parcial do Componente Curricular EDCB97 – Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), 2018.

BARROS, José D'assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos. **LPH - Revista de História da UFOP**, n. 15, p. 1-23, 2005.

BEZERRA, César Aquino. **Da Pensilvânia ao Amazonas**: a trajetória missionária de Clinton Benjamin Thomas e a Igreja de Cristo em Uruará. Manaus; São Paulo: EDUA; Alexa Cultural, 2024.

CAMPOS, Pe. Manuel do Carmo. A decadência do catolicismo popular na região parintinense (1955-1975). **Revista de Cultura Teológica**, n. 12, p. 109-117, jul./set. 1995.

CASTRO, Hebe. História Social. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CAVALCANTE, Ronaldo Bentes. **Ide pelo Mundo inteiro e anunciai o evangelho**: as práticas sociais e religiosas do PIME em Parintins. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

GOMES, Jéssica Dayse Matos. **Mocambos na Amazônia**: História e identidade étnico-racial do Arari, Parintins/Amazonas. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2017.

NEGRI, Teodoro. **Augusto, Eremita na Selva Amazônica**. Diário. São Paulo: Editora Mundo e Missão, S/D.

NEVES, Margarida de Souza. História e Memória: os jogos da memória. *In*: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). **Ler e escrever para contar**: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access, 1998.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ROCHA, João Marinho da. Memória e história: processos socioculturais e religiosos de formação e institucionalização de comunidades no Baixo Amazonas. *In*: CARDOSO, Maria Celeste de Souza; SILVA, Maria de Lourdes Ferreira da (org.). **Jubileu da paróquia São Jose Operário**: 50 anos de história e evangelização na Amazônia. Parintins: Gráfica e Editora João XXIII, 2021.

SERRÃO, Arenilton Monteiro. **Colônias agrícolas e campesinato**: raízes de uma nova territorialidade no médio Rio Amazonas, município de Urucará - AM. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica**: estudos do homem no trópico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.